

“É de escola pública? É bandido”: Os estereótipos direcionados aos estudantes do Colégio Estadual Abdias Menezes em Vitória da Conquista- Bahia

Hanneli Souza Almeida Santos¹
Aline Farias Fialho²

RESUMO

O modelo econômico atual trouxe uma série de transformações nas relações sociais. Uma delas é a relação com os espaços, que passaram a ser afetivas e também comerciais. Com essa mudança, padrões de conduta e pensamento também foram criados para atender às exigências do sistema. Os que não se encaixam nos padrões são estereotipados ou excluídos dos espaços. Para a realização da pesquisa, foram utilizados autores como Dupas (2005), Bernardes (2003), Guareschi (2000), Melo (2000), Souza (2006) e Mendes e Coriolano (2005), que auxiliaram no entendimento do problema em questão. O Colégio Estadual Abdias Menezes, escola pública de Vitória da Conquista, está localizado no Candeias, um bairro de classe média alta. Por causa disto, os estudantes estão suscetíveis a diversos tipos de rótulos e são estereotipados pelos frequentadores do entorno da escola, sentindo dificuldades para criar uma relação com o Bairro e tendo a sua identidade enquanto estudante de escola pública afetada negativamente.

Palavras-chave: Relações Sociais, Bairros, Estereótipos, Estudantes.

INTRODUÇÃO

A pesquisa é um subcapítulo da monografia intitulada “A Exclusão social e as Representações Sociais dos estudantes do 3º ano do ensino médio do Colégio Estadual Abdias Menezes em Vitória da Conquista – Bahia.”, realizada em 2018. A monografia analisou como os processos de Globalização afetam as representações sociais dos estudantes do Abdias Menezes, na sua relação com o bairro Candeias - de classe média alta - que além de uma relação afetiva, criam uma também comercial; e ainda as dificuldades encontradas para frequentar o Candeias, pela distância dos bairros onde moram ou outros motivos, e como os padrões estabelecidos pelo sistema orientam a conduta social dos frequentadores do Bairro, incluindo os que possuem similaridades e, ao mesmo tempo, excluindo e estereotipando os que possuem diferenças, e entre estes os estudantes do Abdias.

O capítulo que é abordado neste artigo trata do acesso dos estudantes ao bairro Candeias, a relação que constroem com este e as dificuldades que encontram para frequentá-

¹ Pós-graduanda do mestrado em Ensino - UESB. hanneli.souza@gmail.com;

² Professora orientadora: Mestre em Memória - UESB. alineffialho@gmail.com.

lo. O acesso à cidade, aos bairros e aos estabelecimentos neles presentes é direito do cidadão, permitido pela Lei 7.716, de 1989, dos artigos V à XII, sendo proibido negar o acesso aos estabelecimentos comerciais, de lazer, residenciais, entre outros, com risco de prisão de um a três anos. Os indivíduos possuem a liberdade para ir e vir garantida por lei, porém, com as transformações geradas pelo modelo econômico, o acesso ganha novos significados. Para Dupas (2005, p. 37), “a paisagem pública urbana é agora um material midiático privado, criando desejos e tratando o cidadão como mero consumidor.” Nos espaços privatizados se transformaram em ambientes para consumo mediante a compra, e a relação que o indivíduo cria com os espaços pode ser afetiva e comercial.

Além das modificações nas relações com os espaços, as relações sociais também foram alteradas. A sociedade cria padrões de comportamento que devem ser seguidas para se ter um bom funcionamento do sistema e os que não se encaixam ou não seguem esses padrões, são excluídos ou estereotipados. Bernardes (2003, p. 308) explica que o conceito influencia os comportamentos e a conduta da sociedade, citando que “o estereótipo é armazenado na memória e pode influenciar as percepções e os comportamentos subsequentes em relação a esse grupo e aos seus membros”.

Os estudantes, por serem de uma escola pública que pertence a um bairro de classe média alta, estão sujeitos a diversos tipos de tratamento e estereótipos negativos criados pelos grupos que frequentam o Bairro. Os estereótipos direcionados aos estudantes geram diversos constrangimentos e dificultam o conhecimento e a relação com o Candeias, modificando também a sua forma de pensar e a percepção de si e do outro.

Portanto, a pesquisa foi realizada devido à necessidade do estudante, como cidadão, de sentir-se pertencente aos lugares, sendo livre para frequentar e tratado dignamente, além da necessidade de se modificar certos padrões para que se possa ter uma sociedade mais igualitária. O capítulo teve como objetivo analisar se os padrões estabelecidos pelo grupo dominante no Bairro se refletem nos estudantes, se estes são estereotipados e sentem algum tipo de dificuldade ao frequentar o Candeias.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada no intuito de analisar se os padrões estabelecidos pelo grupo dominante no bairro Candeias afetam os estudantes do Colégio Estadual Abdias Menezes em Vitória da Conquista - Bahia.

Para tanto, realizou-se um levantamento de fontes teóricas que tratam da questão da ideologia, dos estereótipos e estigmas e da exclusão, com Dupas (2005), Bernardes (2003), Guareschi (2000), Melo (2000), Souza (2006) e Mendes e Coriolano (2005), cuja base teórica serviu para auxiliar no entendimento do problema. Realizou-se uma observação participante, com visita ao bairro em que se situa o referido colégio e aos seus estabelecimentos para observar o tratamento dado aos estudantes pelos frequentadores do entorno da escola.

A pesquisa contou, também, com a realização de grupo focal com a participação de 15 estudantes para a obtenção de dados qualitativos mais detalhados. O grupo focal, com duração de uma hora, foi composto por alunos do 3º ano do Ensino Médio, sendo elaborado um roteiro com tópicos que faziam conexão entre os assuntos que instigaram a participação e contribuição dos tais. As respostas foram gravadas por uma colega com o auxílio de um recurso tecnológico e depois transcritas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a transformação de ordem econômica, a sociedade passa a se comportar de acordo com os padrões do sistema, tendo um mesmo comportamento, um mesmo modo de agir, pensar e falar. A tendência homogênea oculta a singularidade dos indivíduos e os transforma sob a influência da mídia e da classe dominante, desenvolvendo ideologias que, para Guareschi (2000, p. 40), apresentam dois lados: o positivo e o negativo:

Ideologia no sentido positivo, ou neutro, é entendida como sendo uma cosmovisão, isto é, um conjunto de valores, ideias, ideais, filosofias de uma pessoa ou grupo. Nesse sentido, todas as pessoas, ou grupos sociais, possuem sua ideologia, pois é impossível alguém não ter suas ideias, ideais ou valores próprios. Já ideologia no sentido negativo, ou crítico, (alguns falam até em sentido "pejorativo"), ideologia seria constituída pelas ideias distorcidas, enganadoras, mistificadoras; seriam as meias-mentiras, algo que ajuda a obscurecer a realidade e a enganar as pessoas. Ela apresenta-se como algo abstrato ou impraticável; como algo ilusório ou errôneo, expressando interesses dominantes e como que sustentando relações de dominação.

A ideologia pode ser propagada tanto para um bem comum, como para influenciar, conforme interesses próprios, a massa; ao ser criada e introjetada, é complexo retirá-la do pensamento dos indivíduos. Formulada por uma classe que está acima da maioria, a ideologia é facilmente assimilada pela sociedade, que deseja ser incluída no sistema e fazer parte do padrão, e serve para manter a hegemonia de alguns.

A desigualdade e os padrões homogêneos criam estigmas e preconceitos aos que não tem acesso a estes serviços, que são estereotipados e podem ser excluídos do sistema ou da sociedade da qual fazem parte. Em relação a isto, Souza (2006, p. 151) menciona que:

Paralelamente aos nossos papéis sociais está os estereótipos sociais que afetam diretamente nas ações que praticamos, pois através delas somos incorporados e/ou submetidos a determinados grupos, com base em características típicas e delimitadoras que, inevitavelmente, servirão de base para compor a nossa identidade. [...] Desse modo, verificamos o quanto os estereótipos estão vinculados a dominação e ao poder convencionados pela estrutura social a que pertencemos.

Os estereótipos são criados por uma classe dominante para reafirmar e manter o seu poder, e para isto, precisa que grande parte da sociedade se mantenha dentro de um padrão e se comporte de acordo com os seus requisitos, para ampliar suas riquezas e para evitar ameaças ao seu poder. As concepções são fomentadas e estimuladas para atingir uma maioria que, para ser incluída no sistema, se adequam aos modelos impostos. Os que possuem algum tipo de peculiaridade e os que não se adequam, são excluídos do sistema e/ou escamoteados. Em relação a este estereótipo, questionou-se aos estudantes se alguns deles são estereotipados de alguma forma no Bairro e a maioria afirmou que sim e, de acordo com o discente: “as pessoas discriminam os alunos porque acham que nós somos ladrões, mas nós somos tranquilos”. (Informação verbal³)

Assim, o preconceito a escola pública também é um elemento que contribui para a construção de estereótipos, conforme descrito na fala de um discente:

Somos estereotipados não só porque estudamos nessa escola, mas porque somos estudantes de uma escola pública. Muita gente acha que a escola pública é ruim e assim, os alunos são ruins, bagunceiros, alguns acham que somos bandidos (Informação verbal⁴).

Nesta perspectiva, de acordo com a fala apresentada, percebe-se que o estereótipo relacionado à escola pública surge por esta ser gratuita e abranger estudantes de todas as classes sociais, que trazem consigo hábitos e vivências de bairros diversos. Os que provém de bairros considerados periféricos são rotulados como marginais, havendo uma generalização de todos que estudam na escola. Esta, por ser pública, também é associada a uma escola com ensino inferior, com professores ineficientes e estudantes incapazes.

³ Estudante do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Abdias Menezes, Vitória da Conquista/BA.

⁴ Estudante do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Abdias Menezes, Vitória da Conquista/BA.

Os discentes também sofrem com estereótipos relacionados à sua condição social e étnico-racial. Muitos não possuem condições financeiras para estudar em escolas privadas, e, por não se encaixarem no padrão que consome e possui recursos para usufruir de bens e serviços, são rotulados pela “pobreza” e, muitas vezes, excluídos. Os discentes, então, por serem considerados pobres, sofrem com os estigmas e são denominados de marginais. Esses rótulos são assimilados por uma massa e também pelos próprios estudantes e Melo (2000, p. 19) afirma que os estigmas:

Como sistema de controle, tem como objetivo catalogar as pessoas pelos atributos considerados comuns e naturais para os membros de cada categoria. Determina os atributos, isto é, qualidades pessoais, posições de poder, “status”, critérios de ordem de valores éticos e estéticos etc., marcando juízos de valores éticos e morais aos sujeitos que não correspondem às qualidades determinadas para cada categoria.

As escolas públicas possuem esse estigma que, de acordo com o autor, marca as pessoas que não estão incluídas no sistema e estas sofrem com todo tipo de preconceito. Se não estiver incluído nestes padrões, a pessoa acaba sendo considerada inferior, de baixa qualidade e potencial, sem inteligência, marginal, que oferecerão riscos a sociedade e aos moradores do lugar.

Como o acesso a alguns estabelecimentos e produtos só é permitido através da compra, muitos discentes são privados de frequentar os lugares e sofrem preconceito, sendo até maltratados. Em relação a isto, perguntou-se aos alunos se eles já passaram por alguma situação de constrangimento no Candeias. A maioria afirmou que sim e o discente entrevistado acrescentou que “já percebi nas lojas do Bairro. Entrei em uma loja e eles olham muito pelo que você está vestindo e pela aparência, ou então pensam que não vai comprar”. (Informação verbal⁵). De acordo com outro estudante:

“Eu entrei num estabelecimento e a mulher me tratou super mal, e depois [uma mulher] entrou com um cachorrinho, de óculos com cara de rica e foi super bem atendida, tratada com um sorriso no rosto”. (Informação verbal⁶)

Conforme dados da pesquisa, observa-se que os estereótipos, neste caso, não são causados pelo fato de não possuírem condição financeira para consumir ou frequentar os ambientes, e sim por causa dos estigmas e estereótipos em relação aos estudantes de escola pública ou por uma aparência que não se encaixa com os padrões do Candeias, bairro de

⁵ Estudante do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Abdias Menezes, Vitória da Conquista/BA.

⁶ Estudante do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Abdias Menezes, Vitória da Conquista/BA.

classe média. Ao serem comparados a marginais, pelo comportamento dos moradores, dos frequentadores e dos que trabalham no Bairro, eles são considerados prejudiciais, por serem pobres, e oferecem risco à sociedade. Nesta perspectiva, Melo (2000, p. 19) também reitera que:

Esses atributos considerados pouco semelhantes no contexto da comparação convertem o sujeito em algo pouco aceito e rejeitado, porque ao grupo social busca, nas suas interações relacionais com seus pares, as semelhanças e não as diferenças na convivência cotidiana. Assim, poderão ocorrer situações extremas, e o sujeito estigmatizado poderá ser convertido em algo maléfico, mau e, até mesmo, perigoso nas suas inter-relações.

A tendência a homogeneização característica da sociedade atual fomenta estereótipos em relação aos indivíduos que não estão nos padrões impostos, os quais são excluídos por não pertencerem a determinado grupo que possui semelhanças. O diferente é considerado inferior ou um perigo aos semelhantes. No caso dos estudantes do Abdias, eles não são excluídos somente por não possuírem condições para consumir ou estudar em escolas privadas que estão localizadas no Bairro, mas também por não pertencerem ao Candeias ou não terem condições de residir ali, por serem de escola pública, por serem uma escola que abriga pessoas de classe baixa, com necessidades especiais e negras, entre outros.

Os estigmas criados para os estudantes de escolas públicas afetam o frequentar destes nos lugares e estabelecimentos presentes no bairro e prejudicam até a forma como os outros frequentadores tratam-nos. Questionou-se, então, se os discentes, no Candeias, já perceberam alguma diferença de tratamento entre eles e algum estudante de escola particular e a maioria respondeu que já sofreram situações de constrangimento. De acordo com o relato do estudante:

Sim, eles são bem atendidos nos lugares. Quando você está em alguns lugares, os donos, os moradores e os estudantes das escolas particulares te olham meio estranho, por causa da farda, porque pensam que a gente é bandido” (Informação verbal).⁷

Outro discente afirmou que “na padaria, eu entrei e me atenderam com grosseria. Aí entrou um estudante de escola particular e trataram ele super bem”. (Informação verbal⁸)

De acordo com a pesquisa realizada, observa-se que os estudantes são estereotipados do Bairro e dos estabelecimentos pelo péssimo atendimento que recebem por serem de escola pública. O fato de estar fora dos padrões, que impõem a necessidade de estudar em escola privada, e por as escolas públicas possuírem um estigma consolidado afetam a representação

⁷ Estudante do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Abdias Menezes, Vitória da Conquista/BA.

⁸ Estudante do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Abdias Menezes, Vitória da Conquista/BA.

social dos estudantes, que se sentem excluídos, e dos de fora, que representam negativamente e os excluem. E, nesta perspectiva, Souza (2006, p. 158) destaca que:

É quase impossível, que em um mundo tão diversificado socialmente e culturalmente, não fossem estabelecidos rótulos para determinados grupos sociais, bem como é fato que tais rótulos são empregados por grupos que detêm um maior poder diante da hierarquia social ou grupos que não se identificam com outros grupos.

Percebe-se que, de acordo com a autora, os estereótipos são criados por um grupo que detém poder sobre outro, que ditam e organizam a forma com que a sociedade deve agir e pensar e, de acordo com os resultados, os discentes são excluídos por grupos que consideram os estudantes de escola privada como superiores e os excluem por serem de escola pública.

Neste sentido, questionou-se se eles se já perceberam alguma diferença de tratamento de quando estão com o uniforme da escola e quando não estão. Grande parte dos entrevistados respondeu que sim. Um estudante reiterou que “com a farda, os olhares são diferentes. Os alunos das escolas particulares, a maioria, se acham superiores à gente porque são de escola particular, acham que mandam em tudo só porque tem mais dinheiro”. (Informação verbal⁹). Já outro entrevistado comentou que “só porque veem a gente vestindo a farda, pensam que nós não temos dinheiro e não podemos entrar no Hiper, numa loja”. (Informação verbal¹⁰). Outro discente acrescentou que “quando estamos sem farda, ninguém está nem aí”. (Informação verbal¹¹). De acordo com os dados obtidos, nota-se que os estudantes se sentem excluídos por serem considerados marginais e, ao usar a camisa da escola, que os identifica como estudantes de escola pública, tem a segregação aprofundada e reafirmada. Há, também, a exclusão e o estereótipo que surge dos estudantes das escolas privadas que, de acordo com os entrevistados, se sentem superiores por possuírem mais condições financeiras.

A exclusão também é demonstrada quando, ao entrarem nos estabelecimentos e serem reconhecidos como de escolas públicas, são automaticamente taxados como sem condições para consumir e ter acesso aos bens e serviços do Candeias. O problema está na identificação da escola por meio do uniforme, quando estes o retiram, não sofrem preconceito. Percebe-se que o problema não é específico do Abdias, mas sim das escolas públicas, que sofrem com os estereótipos construídos socialmente de que são pobres e marginais, que não querem estudar, que estão envolvidos com o tráfico. Isto interfere nas relações sociais dos alunos, na

⁹ Estudante do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Abdias Menezes, Vitória da Conquista/BA.

¹⁰ Estudante do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Abdias Menezes, Vitória da Conquista/BA.

¹¹ Estudante do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Abdias Menezes, Vitória da Conquista/BA.

construção de uma relação com os espaços, pois se torna uma construção baseada no medo de serem estigmatizados e excluídos e, ao mesmo tempo, na vontade de serem incluídos.

Nota-se que os estudantes podem possuir condições para consumir ou para frequentar os espaços, porém, os estereótipos criados pelo grupo dominante os impedem de construir o lugar e representar a sua visão de mundo no Candeias. A escola, ao incluir os alunos que possuem heterogeneidades, também é estereotipada e excluída, principalmente por ser pública e estar localizada em um bairro de classe média. As relações afetivas podem ser transformadas em sentimentos de medo e revolta pela exclusão sofrida e, como as suas relações também são construídas pelo uso dos serviços e por frequentarem os estabelecimentos, eles acabam desenvolvendo afetividade com outros bairros. O processo de exclusão sofrido pelos estudantes é resultado do modelo de desenvolvimento, de acordo com Mendes e Coriolano (2005, p. 296):

Não é que seja natural haver pobres e ricos, incluídos e excluídos, é que o modelo de desenvolvimento foi planejado para concentrar riquezas e ao fazê-lo produz essa contradição, própria do sistema, que alimenta a vida econômica, social e política.

O modo de produção, de acordo com Mendes e Coriolano (2005), precisa dessa desigualdade e isto altera todas as áreas da vida social, de forma direta ou indireta, porém, a sociedade que é afetada pela exclusão sofre com mais intensidade e isto é prejudicial na relação com os espaços, no seu sentimento de inclusão, de pertencimento, e no desenvolvimento da sua identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento, constatou-se que, com a Globalização e sua tendência à homogeneização, as relações sociais se tornaram padronizadas pelas questões internas do processo. Notou-se ainda que o problema da exclusão ocorre com mais intensidade devido ao fato dos estudantes serem de escola pública. Algumas escolas públicas possuem um ensino irregular e recebem discentes de classes mais baixas, e por causa dessa minoria, várias são estereotipadas e generalizadas como escolas pobres e de péssimo ensino, gerando um sentimento de insegurança. Os discentes são taxados, por pertencerem à escola pública, de pobres e sem condições para consumir.

Os estereótipos também são observados pela diferença de tratamento, quando, ao frequentarem os estabelecimentos, os estudantes são maltratados pela aparência e pelo uniforme, que reafirma a sua identidade enquanto estudante de escola pública. Há uma diferença de tratamento, também, em relação aos estudantes de escola particular. Eles, por estudarem em escola pública, são considerados como marginais e pobres, que não possuem condições para ter acesso aos serviços.

Portanto, constatou-se que os estereótipos criados pelos grupos que frequentam o entorno do Bairro de certa forma dificultam o frequentar dos estudantes nos estabelecimento, gerando constrangimentos e afetando negativamente a percepção de si e de sua identidade enquanto estudantes de escola pública.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, D. L. G. Dizer «não» aos estereótipos sociais: As ironias do controlo mental. **Análise Psicológica** (2003), 3 (XXI): 307-321. Disponível em: <<http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/13>>. Acesso em: 18/10/2017, às 22:03.

BRASIL. Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou cor. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7716.htm>. Acesso em: 12/10/2017, às 22:59.

DUPAS, G. Tensões contemporâneas entre o público e privado. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 124, p. 33-42, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/0D/cp/v35n124/a0335124.pdf>>. Acesso em: 12/11/2017, às 18:03.

GUARESCHI, P. A. Representações sociais e ideologia. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis: EDUFSC, Edição Especial Temática, p.33-46, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/viewFile/24122/21517>>. Acesso em: 10/12/2017, às 22:06.

MELO, Z. M. Estigmas: espaço para exclusão social. **Symposium** (Recife), FASA, v. 4, p. 18-22, 2000. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/2457/2457.PDF>>. Acesso em: 21/10/2017, às 22:30.

MENDES, E. G.; CORIOLANO, L. N. M. T. A Exclusão e a Inclusão Social e o Turismo. **Revista da FA7**, v. 1, p. 66-80, 2005. Disponível em: <<http://www.pasosonline.org/Publicados/3205/PS080205.pdf>>. Acesso em: 15/10/2017, às 17:05.

SOUZA, H. V. A. Os Estereótipos Sociais: instrumento para a construção de identidades. In: **PG Letras 30 anos**, 2006, Recife. PG Letras 30 anos, 2006. v. 01. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/11979361-Os-estereotipos-sociais-instrumento-para-a-construcao-de-identidades.html>>. Acesso em: 29/09/2017, às 14:08.